

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A - 1.º e 2.º Andares - Telef. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO



## Política regionalista

Política regionalista, é aquela que diz respeito a negócios ou interesses de qualquer região.

Ora, sendo assim — como de facto deve de ser — está indicado, pela força da própria lógica, que esta modalidade da Política tem de figurar no primeiro plano de qualquer programa de Política Geral. Todos os interesses de carácter essencialmente regionalista não podem, de forma alguma, ficar para último lugar, uma vez que o regionalismo bem compreendido corresponde ao bem-estar de qualquer povo. E se há quem não queira ou quem não saiba compreender esta verdade, isto é, se há quem coloque a Política regionalista em plano inferior àquela em que deve estar, também há, contrariamente a isso, quem lhe dedique toda a atenção de que é digna. Assim o esperam milhares de pessoas deste distrito, da acção do actual Governador Civil, Sr. Dr. José de Oliveira, a quem não tenho o prazer de conhecer pessoalmente. Ouço, porém, lisongeiras referências a seu respeito e isso me basta para esperar do desempenho do novo cargo de sua ex.ª uma Obra útil para todo o Distrito e, consequentemente, para o Concelho de Guimarães, um daquêles que tem andado com menos sorte do que qualquer outro, não por que não seja merecedor dos benefícios da felicidade, mas devido, talvez, a um conjunto de circunstâncias que a prudência me inibe de citar aqui. O que é certo, é que esta terra tem andado bastante desligada do Progresso, precisando, por esse motivo, de o reaver o mais breve possível, mas por meio de melhoramentos que sejam constantemente reclamados pela opinião pública e não por quaisquer outros que não se encontrem nessas condições, quer se trate da cidade, quer das freguesias rurais. Estas freguesias, que de um modo geral são menos acarinadas, têm, no entanto, iguais direitos, no que se refere a aspirações locais, aquelas que gozam do privilégio de categoria superior, embora, é claro, dentro da devida e equitativa proporção. E, pois, para a cidade e concelho de Guimarães que eu ouso pedir ao novo Chefe do Distrito a sua valiosa e indispensável protecção, no sentido de serem atendidas as principais aspirações dos Vimaraneses, povo laborioso e de fidalga tradição. Sua ex.ª, que há-de desejar tornar-se digno da gratidão de todos os habitantes desta região, procurará — estou certo disso — interessar-se por Guimarães, tanto quanto possível, de forma que resulte dêsse interesse aquilo que outros não fizeram. A auxiliar êsse esforço e alimentar essa boa vontade encontrará sua ex.ª uma outra força e uma outra boa vontade por parte da Comissão Concelhia da União Nacional, organismo a que preside o sr. Dr. Fernando Aires, advogado muito distinto e homem de acções desempoçadas e de resoluções inteligentemente tomadas, qualidades que, além de outras, o tornam um elemento de apreciado valor dentro da U. N., acrescen-

do, ainda, a circunstância de estar rodeado de bons colaboradores, dotados, igualmente, de qualidades de inteligência e de trabalho. E sem desprimor para nenhuns daquêles que não puderam fazer mais, em quaisquer dos cargos citados, há muito a fazer e as circunstâncias não permitem que a Cidade e Concelho de Guimarães continuem a viver em permanente expectativa.

Portanto, conjugando-se as forças de maior preponderância, no número das quais também se encontram a Câmara Municipal, a Associação Commercial, os Sindicatos, etc., tudo leva a crer que os sacrificios sofridos sejam compensados com futuros benefícios concedidos. E assim se levará a efeito um programa de política regionalista, sem a qual não poderá ser perfeita a Arte de governar os povos.

Pelo menos, é êsse o meu modo de ver, embora humilde aldeão.

Zé da Aldeia.

## Vária

### Em casa do Letrado

(Do Caderno de notas... incirculáveis)

Do dr. António do Amaral.

2) O advogado abismara-se em longa e absorva meditação, entre inefável e cruciante; sentia remorder-lhe no espírito a luta do dever, hesitando, até, qual, na conjuntura o seu dever, mas imperiosamente por certo o de não deixar ao menos sem proveito aquela tam magnífica lição de grandeza de alma, aplicada, em segredo, como correctivo de marca a ferro em brasa na alma negra do autor da exploração execranda. Nem sequer deu tento das mansas pancadas da sineta a anunciar-lhe que o esperavam para almoçar. E já na sineta de novo feriam diligentes mas amortecidos tangeres quando a porta do escritório se abriu e um homem entrou açoitado — era o *Menino Bonito*. (E está! — pensou — não me esqueci de fechar a porta! Sossogada manhã de domingo, não haja dúvida! A pobre, a santa senhora, está certo — fui eu que lhe marquei a entrevista. Mas, êste patifinho...) Enfadado, ia levantar-se, mas o visitante, tendo deposto o chapéu de macio pelo e largas fitas brancas, a bengala malaca de castão de ouro e as luvas inglesas, sentara-se, mal disfarçando o esgar que lhe provocaram as dores nas costelas, acordadas ao movimento, tirara a cigareira de prata, batera o Abdulla na tampa, fizera incandescer a acendalha, e, puxando a fumaça, começava, precioso, mexendo o anel de pedras: — Senhor doutor, acaba de suceder-me a mais nigromante e funambulesca das aventuras, e encontro-me, como os heróis dos filmes americanos, vítima de uma série encadeada, precipitosa, hecatômbica de crimes inverosímeis e... infamíssimos. A suja mão de garra de um espírito malvado, facinoroso, encoberto no balandru da seriedade hipócrita, em poucas horas, quebra e assalta a santa inviolabilidade do meu lar, rouba ao meu sossêgo os seus elementos de trabalho doméstico, rapta-me um jornalista ou aprendiz de lavoura e uma auxiliar de cozinha, desvia e transvia dois menores de sua vida e cumprimento dos seus deveres, insulta-me na praça e agride-me à mão armada! Temos nós, pois, senhor doutor — invasão da propriedade alheia: um; violação contra a liberdade: dois; subtração e ocultação de menores: três; lenocínio: quatro; astúcia; cinco; injúrias e difamações: seis; ofensas corporais: sete... e tudo isto, note o senhor doutor, com emboscada, surpresa, traição, aleivosia, má fé, uns, de noite e a ocultas, à clara luz do dia e escândalo público, outros... mais

— Talvez ofensas à moralidade

## Loucura de Santo

*Alma de fogo, alma incontida e bela,  
Não pára o Missionário, não descansa;  
Tem sua voz ternuras de criança  
E tem no olhar cintilações de estréla.*

*Percorre o mundo, entre uivos de procela,  
Para dizer segrédos de esperança,  
Doces arrulhos de pombinha mansa,  
A tantas almas, por que só anela.*

*Assim João de Brito, outro Jesus,  
— O' sonho lindo, sonho todo luz! —  
Lá vai de vale em vale, de serra em serra;*

*Sulco de luz, por entre a noite escura,  
Abrasa-o, febrilmente, uma loucura:  
— Unir a terra ao Cêu, o Cêu à terra.*

Guimarães, 18 de Janeiro de 1939.

P. VIEIRA DE MELO.

pública — rematou o advogado, que já não podia mais.

(E pensava de si para consigo: E' impossível que êste hominho, a quem sempre dão razão, tenha razão alguma vez na vida. E que vida! Camaleão de todas as políticas; infalível herdeiro — em testamentos arrebatados por suas artes de fingimento — de todos os parentes que deixam na miséria outros mais achegados; homem da privança dos vários chefes políticos, a quem lambuja no apogeu, trama a derrocada, na hora incerta, e esponeja na decadência; número um em todos os concursos, alarve até ali e logo nomeado e logo trespassando o cargo; bilhete premiado em todas as lotarias; anjinho de precisão, dançarino, chãstista, peralta — e a mãe, em casa, e dela toda a fortuna grande do casal, aferrolhada como prisioneira, escrava, cheia de maus tratos, a passar fome!)

— Eu lhe explico, senhor doutor. Esta noite, ou de madrugada, evadiram-se de casa dois serviçais — o *Tónio* e a *Olata*. Descobri que estavam em certa casa. Ainda de boa mente, como quem me prezo de ser, fui em sua demanda. O cavalheiro, cego de ira, obseado de cio, talvez *othelico*, agride-me, insulta-me, espanca-me, escoriosa-me desalmadamente! Mas isto ficará impune. Eu... eu... eu... — Mas, diga-me, quem — o herói? — Esse homem, êsse mercador, êsse mesteiral ou burguês, cujo dá por *Cristóvão de Alvíte*.

— Quem?! E' lá possível! Conheço-o muito bem. E' meu velho e fiel cliente — somor dois bons amigos... Mas é um dos homens mais sãos, mais diretos... a honradez em pessoa. Tenha paciência. Se vinha para que lhe tomasse conta da causa, agradeço, mas não aceito. E perdê-me, hoje é domingo, e já devem estar à minha espera, há mais de meia hora, para almoçar. Até mais ver. Adeusinho, sim?

*Menino Bonito* destrambelhou, fulelo, pela porta fora. Mas logo que viu gente, uma pobre mulher, à porta da casa, passando as meias do filhito, toca de dar o apuramado empertigo à sua pessoa. E, de curioso pelo que se dizia — já devia haver um levaveira por toda a Vila —, entrou, fora de seus hábitos, no *Café da Vila*, e pediu chá bem quente.

Por desgraça, ou acaso — nunca a limpo se tirará como foi quando no *café* quasi deserto o serviam, a manga do casacão amigo do *Epaminondas*, que saía para ir comer, roçou na bandeja, e a água a ferver do bule despejou-se pelas calças do *Menino Bonito*. Foi um urro e um ganido. Maldito domingo! — pela primeira, e talvez única vez, em sua vida, não estava com sorte! Já no passeio, ao ouvir o relincho, o *Epaminondas* voltou-se, e, dando de olhos com a desgraça, com a melhor ironia compassiva abriu o verso de Plauto:

— *Lingua poscit, corpus quaerit, animus orat, res monet.*

No Teatro *Montparnasse*, em Paris, representou-se, no fim do ano, se não se representa ainda, uma peça singularmente impressionante pela sua natureza, pelo seu idealismo, pelo seu pitoresco e pela exactidão dos seus caracteres humanos — *Dulcinée*, de *Gaston Baty*. A *Dulcinée*, do D.

Quixote, o Fidalgo da Mancha, o Cavaleiro Errante da Triste Figura, que se aventurara, alucinado à demência pela atenta leitura dos *Romances de cavalaria*, a saír um dia, a cavalo no Rocinante, acompanhado do bom Sancho Pança, a proteger os fracos, desafrontar os oprimidos, vingar os ofendidos pela injustiça e punir os maus, é, na tragicomédia de *Baty*, uma suja e micheliosa servente de uma venda de Toboso, a quem Sancho entrega, de joelhos, como Embaixador à Princesa Encantada, aquela carta que, no *Romance* imortal de Cervantes, é destinada à Fada dos seus Sonhos de Amor Heróico. Aldonza, consciente da sua degradação, não quer acreditar no amor de um homem que nunca a vira, mas garra-se-lhe no coração aquele voto de viver e morrer por ela — a rude servilheta à toa de quem quer. Mas eis que, um dia, pela estrada, junto à venda, passa um estranho cortejo — é D. Quixote, encerrado numa caixa, como animal de circo ou besta furiosa, sobre um carro, entre um cortejo de êbrios vindimadores e populacho, a urrar vitupérios.

*Aldonza* — Não é verdade, pois não, Sancho, que êle seja doído?

*Sancho* — E' E' doído varrido. Tam doído como eu que o segui.

*Aldonza* — O que tu és, és mais cão que os cães: êsses ao menos, não mordem a quem os sustenta. Tu o vias, tratavas com êle e o servias, falavas dele com o coração até à boca, ufanavas-te como as mulas quando fazem tinar os chocalhos. Mas porque levaste para teu tabaco, tiveste de apertar um furo ao cinto e dormias em colchão de penas, dizes, agora, como os outros — é doído.

E Aldonza ri.

*Sancho* — Porque te ris?

*Aldonza* — Para que me queria êle? Era grande. Era longe. Era perdido. Mas eis que me caiu do céu, fraco, amortecido, ferido, esmagado, zombado. Agora, posso ir ter com êle. E não querias que eu risse? E Aldonza acompanha Sancho, entrouxada a sua roupa. D. Quixote vai exalar o último suspiro. A' sua volta, as figuras conhecidas do romance, forjam o testamento — o Barbeiro, o Cura, a Governanta. Mas o Notário hesita em lavrar o testamento — quer certificar-se da lucidez de espírito daquele generoso louco. A cortina da cama encobre a figura de D. Quixote — vêem-se, apenas, por baixo da roupa, suas pernas compridas e magras, e sua mão descarnada e esguia caída sobre a coberta. A sua voz, no derradeiro estertor, murmura ainda a palavra do sonho — *Dulcinée!* Mas, se *Dulcinée* é quimera, o Notário exige que êle renuncie a essa quimera. A muito custo, como que exala a última oração, D. Quixote diz que a *Dulcinée* não existe — e morre. E' nesse momento, por ouvir chamá-la, que aparece Aldonza. E piedosamente o acompanha ao cemitério: «O coqueiro ria quando me passou a pá. E toda a gente ria, ao vir-se embora. Fui eu que lhe dei as últimas pásadas. A terra soava dura, de encontro ao caixão. Mas deixei-a cair docemente, como farinha da peneira, quando peneirava o trigo na venda de Toboso. Tantas vezes ouvi êsse ruído e julguei que era como os outros... E dansei para calçar a terra. Dansei sobre o seu corpo, a primeira

## Livre trânsito...

Em tempos, como disso se devem ainda lembrar os nossos estimados leitores, falámos da necessidade de ser completamente vedada a entrada na *encravadíssima* construção dos novos Paços do Concelho.

Apontámos, então, os motivos principais que nos levavam a pedir essa vedação e dêles constava a causa da moral, que sempre nos tem merecido — e continuará a merecer — o devido respeito. Dessa vez fomos atendidos e a vedação fez-se, deixando, portanto, de ser utilizado o interior daquela construção para alojamento de ciganos, para a realização de actos imorais e para outros fins. Sucedeu, porém, que a vedação referida — que era de madeira — desapareceu, em parte, e foi nessa altura que voltamos a chamar a atenção de quem de direito para êsse facto, pedindo, ao mesmo tempo, que o edificio em construção continuasse vedado. No entanto, não fomos atendidos dessa segunda vez e até ficámos com a impressão de que o nosso reparo se transformou num formidável *tufão*, arrastando para parte desconhecida o resto do tapamento, que até hoje não apareceu! Tratar-se-á, apenas, de mudar de cenário? Nesse caso, quando muda o actual, evitando, ali, o livre trânsito? A ver vamos.

vez que estava junto dele e só como êle. E cantei... — e os soluços estrangulavam-lhe a garganta.

Sancho, «tam ingoritado de proerbios como de favas», mais uma vez, maliciosa e compassivamente enganava, com dizer-lhe que o Amo, na agonia, lhe cometera, à sua Bem Amada *Dulcinée*, o seu destino de defender os fracos, os humildes, os perseguidos. Daqui nasceu a aventura, que é trama da peça, e que tem como epilogo um curioso quadro de Tribunal, em que Aldonza, depois de absolvida, se entregou voluntariamente à multidão, que a estrancinha, furiosa, aos gritos de *Dulcinée*, só por ouvir a realidade do nome, pôsto em seu corpo, que D. Quixote sonhara.

A peça é digna da memória de *Cervantes* e honra o talento do autor.

Já vêdes minha partida;  
os meus olhos já se vão;  
se se parte minha vida,  
cá me fica o coração.

Qual de nós vem mais cansada  
nesta cansada jornada?  
Qual de nós vem mais cansada?

Nosso mar é fortunoso,  
nosso viver lacrimoso,  
e o chegar rigoroso  
ao cabo desta jornada.

Qual de nós vem mais cansada  
Nesta cansada jornada?

Nós partimos caminhando,  
com lágrimas suspirando,  
sem saber como nem quando  
fará fim nossa jornada.

Qual de nós vem mais cansada  
nesta cansada jornada?

Vamos ver as Cintrãs,  
senhores, à nossa terra,  
que o melhor está na serra.  
As serranas Coimbraãs,  
e as da Serra da Estrela,  
por mais que ninguém se vela,  
valem mais que as cidadãs.  
São pastoras tão louçãs,  
que todas fazem guerra  
bem desde o cume da serra.

Gil Vicente.

**Errata**

Safu errado o segundo verso do segundo terceto da *Merenda de Morango*, Soneto de *Paulo Frazão*, publicado em o n.º anterior. Não é, como se leu:

— que nelas inda busco a sensação mas sim

— que nêles inda busco a sensação.

Agradecemos a quem nos chamou a atenção para a falta.

## PARA EVITAR EQUÍVOCOS

O sr. A. L. de Carvalho vai publicar uma brochura sobre os mistêres de Guimarães.

Está no seu direito.

Porém, ê-nos rogado que previnamos o público com interesse por estes assuntos, de que entre nós se prepara, de há muito, uma obra sobre as *Artes e Artistas de Guimarães*, da autoria dos srs. Alfredo Guimarães e Rodrigo Pimenta, respectivamente Director do Museu de Alberto Sampaio e secretário do «Boletim de Trabalhos Históricos».

O sr. Alfredo Guimarães colecciona elementos sobre as artes de Guimarães desde 1912, e daí a soma de citações de artistas desta cidade de que estão cheios os seus livros «Exposição de Arte Sacra», «Guimarães Monumental» e o segundo volume do «Mobiliário Artístico Português». O sr. Rodrigo Pimenta, na sua qualidade de Chefe da Secretaria do Arquivo Municipal de Guimarães e seu organizador técnico, tem recolhido, neste género, uma quantidade extraordinária de materiais. Os dois escritores reuniram, em 1938, o conjunto dos seus vastos trabalhos, e vão actualmente na recolha de documentos relativos a cerca de dois mil artistas e obras de Arte de Guimarães!

A obra dos srs. Alfredo Guimarães e Rodrigo Pimenta deve compreender dois grossos volumes, com a transcrição dos documentos na íntegra, desenhos, decalques paleográficos, imagens, etc., sob método rigorosamente científico, e faz-se preceder dum longo estudo de arte comparada, pelo qual se admirará o mérito da evolução artística da nossa terra desde o séc. XIII aos meados do séc. XIX.

Nas recolhidas actuais dos dois escritores estão representadas as seguintes classes:

Alfagemes, 5; Espadeiros, 8; Armeiros, 17; Banheiros, 21; Espingardeiros, 13; Serralheiros, 56; Ferreiros, 76; Cutileiros, 87; Caldeiros, 2; Latoeiros, 2; Relojoeiros, 8; Ourives, 449; Escultores, 15; Imaginários, 10; Arquitectos, 1; Mestres de pedraria, 62; Oficiais de pedreiro, 131; Carpinteiros, 134; Entalhadores, 33; Ensabladores, 25; Torneiros, 6; Pintores e Douradores, 94; Sirurgieiros, 45; Ceramistas, 41; E-tucadores, 4; Tosadores, 25; Tecelões, 103, etc...

As obras de Arte referem-se ao Castelo de Guimarães, Paços dos Duques, convento do Carmo, chafariz do Carmo, convento de Santa Clara, Câmara Municipal, Colegiada, casa do Cabido, muralha de Guimarães, mosteiro da Costa, igreja e convento de S. Francisco, igreja de S. Dâmaso, igreja das Dôrmicas, igreja da Misericórdia, convento dos Capuchos, etc., etc...

Ora, para que amanhã pessoas ingênuas, e sobretudo as mal intencionadas, não venham dizer que o trabalho probo dos srs. Alfredo Guimarães e Rodrigo Pimenta, deve alguma coisa ao trabalho do sr. A. L. de Carvalho, e porventura dêste tirou sequer, a inspiração, se publica esta notícia, que tem por único objecto o evitar equívocos.

A monumental documentação reunida pelos srs. Alfredo Guimarães e Rodrigo Pimenta, foi-nos mostrada pelo primeiro dos dois escritores, e por ela realizamos a indicação numérica que acima se publica.

O seu a seu dono.

**Presidente da Câmara**

Regressou de Lisboa o Sr. Capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto, Presidente da Câmara Municipal.

**JOSÉ PINTO RODRIGUES**  
ADVOGADO  
(no escritório do Ex.º Sr. Dr. António do Amaral)

Das 11 às 13 e das 14 às 17 horas.

**Delegado do Procurador da República**

Encontra-se, interinamente, a desempenhar as funções de Delegado do Procurador da República nesta Comarca, o nosso prezadíssimo amigo e conterrâneo Sr. Dr. Adelino Jorge.

# ITINERÁRIOS Farpas

2)  
VII  
A sombra nervosa do grande Camilo projectava-se em sua obra: de suas páginas lhe adviera a ideia do primeiro capítulo, e ao comentário azê do fôra buscar a traça do segundo, talvez nascido de gente rude, porque à sua compleição melhor se casasse a trágica asperidade do potente e desventurado génio, que tam de perto sentira, e sofrera, as procelosas tormentas da paixão humana, e as contendas angustiadas da alma incerta; ou talvez, estriamentos hereditários do pathos romanesco da Mãe Curseira... Certo, o confronto da lírica espontaneidade cristã em *Mestre Gil Vicente* com o lúgubre período de extrema pobreza e decadência em várias décadas de Seiscentos, dava-lhe sobejada matéria para o trecho, que cuidava laborando com pausadas cogitações. Era de justeza salomônica a acridão do comentário camiliano! Ao folhear o volume, na cata minuciosa, como farejada, por essa longa *verba* e intermínua falácia, de vislumbante ou ainda passável centelha de eloquência ou incutimento de doutrina, só via ermo deserto de palavras, imóveis e estêreis como a areia, sêco, calcinoso, desolado. Amargava-lhe a bôca o sorrir de espanto, senão, por vezes, lhe ardiam nos olhos surpresas lágrimas de pesar. Aquele modo, já afectada e falsamente gongórico, de alambicadas douras:

«Notável génio he o do sol (muito alto, & muito poderoso Príncipe, & Senhor nosso) no tável génio, dizia eu, he o do sol, pois não gastando momento algum, sem dar alentados passos, sem hum passo só dá, sem fazer importantes benefícios...»

«E perdidas já as esperanças de virem filhos naturais adoptaram a May de Deos em filha pera que fosse herdeira dos bens aquella, que o era dos affectos. Grande fortuna! To par com as bonanças onde se esperam, senam he desgraça se reputa por dita: achar ventura no que se imagina desdita, isso se julga pella mais avantajada fortuna»;

«aquela linguagem ceciosa, de pivete de cheiros e de gosma catarral, ora teatro—ora ergástulo, sempre a glosar a fineza especiosa (o termo porventura de maior consumo)

«Entre as finezas com Christo nos amou, grande foy a de nos amar Sabio...», porque o amor para ser grande ha de ser tam bem entendido.»

«Entre os cuidados do Príncipe para cõ o valido querer descobrir finezas, acção he tão arriscada, q̃ nem S. Pedro escapou com ella da notta de inadvertido, *quid ad te* (Divina, & humana Magestade).»

como em visita peralta ou em sarau de côrte; delambida no dramático

«E assim armada a morte dêste modo se mostrou ao bom Jesus na representaçam tão valente, que sendo seu amor tão alentado como a morte... se vio nesta noite com temores na sua affaçam, porque era muy forte o seu contrario... e assim antes da morte brandir as lanças, sentia o bom Jesus na alma os golpes...»

«Ah Ceo para quem guardas estes coriscos? & tu inferno para quem reservas este fogo?»

«O' agoas do deserto! ó lagrimas da soledade! ó fogo amoroso! ó pedernal ferido hoje! que aos golpes da Cruz, cujos mysterios representou a vara de Moyses sem desfas o vosso coração em fontes de agoa, se nota o vosso tormento nas feridas do vosso amor. Dous foram Senhora os golpes daquela pedra, dous foram

tambem os rios da vossa magoa.»

lassa no conceito, como nessa tragicomédia estupenda, que é a *Merenda Eucharística, do Padre Lourenço Craveiro*

(«Chama-se este Senhor (Sacramentado) em as divinas Letras metaphoricamente Galinha, Codorniz, Perdiz, Vitella, Cordeiro, Cabrito, Cervo, Veado & Agua» — compo o orador assim, com estes «pratos», cada uma das teses do sermão), ou mesmo no de S. Bernardo pelo *Doutor Fr. Manuel da Graça*, quando não duvidosa na doutrina — eloquência esguia, frágil e verjaderamente sotrna! E que não era delirio da sua imaginação, nem empêro ou rebuço do seu critério, sugestivamente precavido pela mordacidade do romancista, forçoso era a Marcelino reconhecê-lo, não só pela escrupulosa e repetida análise dos textos, como pelo que lhe estava acerbamente declarando *O Verdadeiro Pregador no Século XVIII*, no capitulo preliminar de critica aos oradores sacros de Seiscentos. Tais embaraços lhe dificultavam enredadamente o empenho, aculeado por sérias hesitações. Não — aquela arte duvidosa e postiça de «jogar às palavras» não era a missão do pregador. Em sua humilde singeleza, as leves parábolas de Cristo haviam ficado imortais, como altas colunas de luz eterna. E os apóstolos faziam do seu entendimento coração e amor — essa, a base sagrada e indestrutível de sua fé, professa e convicta. O mesmo Fr. Manuel da Graça o considerara — «*Vos estis sal, vos estis lux* — sal que mortifique, e não conceitos que enlevem, e discursos, que enleiem, porque se os homens o buscam, quem assim prega, Cristo repudia a quem assim ensina».

Assim iam passando os dias e as noites. Essas claras e breves noites da primavera e do estio. A Maria Teresa distribuir a tarefa de copiar e coleccionar em verbetes certas passagens mais limpas de doutrina, ou mais características do estio. Outras vezes, acoado na seqüência do pensamento, furtivo ou aligero, ditava-lhe, enquanto, a largos passos, deambulava pelo escritório. Pelas janelas abertas, entrava a luz das estrelas na infinita quietude da noite morta, envolvia-os o misterioso silêncio, morte em que a vida se está germinando, ora e logo sacudido pelo trilo dos raios ou pelo tam amoroso e langue assobiar dos sapos. «Não é agoeiro o piar da coruja? Mas já Maria Teresa aprendera a distinguir o local das cabanas, por onde ela vinha rondar, e, inquirindo o irmão, vinha a descobrir que, na verdade, uma pobre doente ali se debatia nas vascas da morte.

E, certa noite...  
Continua.

Eduardo d'Almeida.

## Chefe do Distrito

Foi imponente a recepção que no passado domingo foi feita na vizinha Vila de Famação à chegada de Lisboa do sr. dr. José Joaquim de Oliveira, actual e Ilustre Governador Civil do Distrito. Desta cidade foram algumas pessoas assistir à manifestação de simpatia prestada a Sua Ex.ª.

Também ao acto de posse que com extraordinária concorrência e rara imponência se realizou na terça-feira, em Braga, foram assistir: Câmara Municipal, Comissão Concelhia da U. N., Provedor da Misericórdia, Delegado do Pro-

## Política do Distrito

Tomou posse do cargo de Governador Civil do Distrito de Braga o sr. dr. José de Oliveira, de cuja acção, critério e intelligência muito há a esperar.

O distrito de Braga é um pouco difficil de administrar, tantas e tão descontraçadas são as opiniões dos homens que se deixam enredar nas malhas traiçoeiras de uma politica feita de dissensões, de lutas de interesses pessoais e de descontentamentos que se manifestam a cada passo.

Por outro lado tem-se verificado o facto lamentável de alguns Governadores se limitarem a auscultar a opinião dos que se encontram mais próximos do Governo Civil por residirem na séde da provincia. E, dêste modo, alguns se tem revelado mais Governadores Civis de Braga do que propriamente do distrito. Este facto acarreta, conseqüentemente, descontentamentos profundos dos demais povos dos concelhos que compõem o distrito de Braga.

A posse do sr. dr. José de Oliveira foi extraordinariamente concorrida, o que demonstra a atmosfera de simpatia, de carinho e de esperança que envolve o novo Governador.

Inteligente, ponderado, correcto, firme nos seus principios de sempre e conscientemente nacionalista, o sr. dr. José de Oliveira, que eu conheço e admiro de há muito, possui tôdas as qualidades e virtudes para triunfar. Estamos certos que há de conseguir êsse triunfo, que nós muito lhe desejamos.

Estudioso, constante, disciplinado e disciplinador, homem de acção, de trabalho, de persistência, o sr. dr. José de Oliveira tem a garantir a sua acção no G. C. o seu passado de honestidade, de dedicação e de boa vontade.

A reunião de tão belas qualidades não constitue um caso vulgar, mas um dos muitos casos que surgem a cada momento e que tem a rapidez e duração de um relâmpago, porque representa muito mais e justifica aquêlê natural anseio e aquêlê espontânea e viva esperança que todos depositam na intelligência e na boa vontade do sr. dr. José de Oliveira identificando-se todos na acção política e no critério administrativo que cria entre os diversos povos uma grande comunhão de vistas e de aspirações e os une numa amizade fraterna, tão durável como sincera.

São João das Caldas, 2 de Fevereiro de 1939 X. X.

curador da República, Delegado de Saúde, Director da Escola I. e C., Reitor do Liceu, Presidente do Orfeão de Guimarães, Presidente da Associação C. e I., representantes das Casas de Caridade, Chefe da P. S. P., etc., etc., bem como os srs.: dr. Leopoldo de Freitas, dr. Alfredo Dias Pinheiro, dr. João Aires de Azevedo, dr. Alfredo Peixoto, dr. António Jesus Gonçalves, dr. Américo Durão, Afonso e Alberto Costa Guimarães, p.º Francisco F. da Silva, Francisco Pereira Mendes, António Freitas Ribeiro, dr. Ricardo Freitas Ribeiro, João Gomes de Abreu Lima, Alberto Pimenta Machado, Fernando Jordão, dr. Joaquim Machado Guimarães, Gaspar Couto, José Pinheiro, Amadeu Carvalho, Francisco Inácio da Cunha Guimarães, Coronel Duarte Amaral, Rodrigo Lobo Machado, Estêvão Menezes, João Saraiva Brandão, etc., etc., etc.

Executa-os Eduardo José de Freitas. Rua de Francisco Agra, 93 — Guimarães. (23)

## Críticas Pequenas

Na consuada que demos ao DICCIONÁRIO DE DIFICULDADES de Vasco Botelho de Amaral não falámos do exagêro do seu preço. Lembrámo-lo hoje ao notar que o seu primeiro tomo de ESTUDOS VERNÁCULOS nos parece igualmente azêdo.

A leitura de Camilo, Castilho, Herculano e Camões e as respostas do Autor a reparos de diversos criticos enchem êste volumezinho tentador.

Como errata, apenas cita um misero *nele* que a gente não consegue ver na página citada.

Em compensação, encontramos na última linha da página 31 *sairá*, ao meio da pag. 56 um feio *regosijo*, no alto da pag. 57 um *nele* desgarrado, ao cimo da pag. 87 um *lêmo-lo* que dispensaria acento, na terceira alinea da pag. 93 um *êstes* e no fundo da pag. 97 *êstes modelos*, abaixo do meio da pag. 102 vemos *pesquiças*, ao meio da pag. 148 aparece *distigue*, no alto da pag. 154 fazem falta duas interrogações invertidas, no fundo da pag. 155 o *u* de *super-civilizadas* gostaria de acento para os não Latinistas e no segundo parágrafo da pag. 170 escapou um tristissimo *lê-se* a fazer corar a Vénus tam vizinha.

E' fadário bem ingrato o reverter livros; mas um Linguista de tanto valor não tinha direito a citar um pobre argueiro sem expungir da seara tôdas as travezinhas dignas de nota.

E quem faz uma prosa que Camilo invejaria deve imitar Cláudio Basto no carinho modelar de revisão que nos encanta sempre e desde sempre na sua bem amada *Portugale*.

G.

## Gazetilha

Todo o que só se contenta, — como «A velha rabujenta» — em dizer sempre verdades, leva vida atribulada, tem aos ombros a maçada de ter contrariedades.

Nesta vida de gangrena eu nem sei se vale a pena ter-se consciência ou não, enfrentam-se contingências por não dizer: — excelências, vós tendes muita razão.

Fala-se, há logo sussurro, é o *velho, rapaz e o burro* do nosso Curvo Semêdo, e às vezes é tal a trêta que se grama, *ali à preta, paleio* de meter medo.

Mas eu ponho a pensar: — embora o calado é oiro — pois com tanto remoer, o que pode acontecer? — A gente dar um estoiro.

T'arrenego, Satanaz, fogue-me lá para trás, leva para longe a manha, era mesmo o que faltava, se a nossa vida acabava como no lume, a castanha.

Morrer, sim, mas de vagar, e para se não falar, só não tendo ouvido e vista, pois se se fica calado, com um *calisto* atrancado... Não há pele que resista.

Camara Dão.

## PELO TRIBUNAL

Em Tribunal Collectivo foi julgado na última quinta-feira, José Mendes, solteiro, tecelão, da freguesia de S. Martinho de Candoso, dêste concelho, acusado dos crimes de homicídio frustrado na pessoa de Rosa Ribeiro, casada, doméstica, da freguesia de Urgeztes, também dêste concelho, e de uso e porte de arma sem licença, crimes a que correspondem, respectivamente, as penas de prisão maior celular por seis anos, seguida de degredo por dez, ou, em alternativa, a pena fixa de degredo por vinte anos, e a de prisão correccional até 6 meses e multa. Discutida a causa, o Juiz condenou o arguido pelo crime de offensas corporais involuntárias e uso de arma sem licença em 6 meses de prisão correccional, levando-se em conta a prisão preventiva já sofrida (de 143 dias) e em 90 dias de multa a razão de 1.000 por dia, 300.000 de indemnização e 1.000.000 de imposto de justiça.

Defendeu o arguido o sr. dr. José Pinto Rodrigues.

## Beato João de Brito



Depois de se ter realizado com brilho e concorrência extraordinária o tríduo de preparação realiza-se hoje, domingo, a Festa dêste Santo missionário de Portugal.

Na igreja da Oliveira haverá às 8 horas missa solene, prática, comunhão geral, para obter a Canonização do Bem-aventurado, em 1940.

Às 16,30 horas há Exposição do Santíssimo Sacramento, sermão, Te-Deum em acção de graças pelo 17 aniversário da eleição do Sumo Pontífice Pio XI, Bênção solene e Hino do Bem-aventurado.

Prêgará na Festa o rev. P.º Agostinho Veloso.

## TEATRO

### Companhia Adelina Abranches

**A Velha Rabujenta** — original de Landeras e Malfatti e tradução de Carlos Vale. — A peça levada à cena no Teatro Martius Sarmiento, pela Companhia da Adelina Abranches, na passada 5.ª-feira, nada tem a recomendar a senão a genial interpretação da nossa primeira comedianta — a grande actriz Adelina Abranches. Sendo literariamente inferior e, tecnicamente, não isenta de falhas, a sua originalidade torna-se por vezes estúpida e forçada — o que nos leva a crer que sofreu muito pela transplantação da peça ao nosso meio. O tradutor preocupou-se em demasia com a gria de correnteza popular e esqueceu-se de sabor típico que mana dos próprios personagens. Quiz fazer rir e não fazer teatro. Em verdade, há uma real inobservância de tema e profundo desrespeito pela arte de Palma. Crê-se como impossível, pelo menos hoje, o poder conservar-se calados alguns dos personagens durante 15 minutos, praticamente inactos e absolutamente martirizante (o que se sujeitou ao sr. Eric Braga).

O conjunto da Companhia agrada de sobejo, e nunca será demais enunciar a acertada interpretação de Adelina que, no papel de *Barbara*, teve ensejo de patenear um grande escala as suas qualidades histriónicas. Emília de Oliveira brilha na *Cândida* a grande altura, aproveitando à maravilha a ingratidão traduzida pelo papel que lhe foi confiado. Gostamos imenso do seu trabalho no 2.º e 3.º actos.

Brunilde Judice compôs com imensa graça a ridícula figura de *Zeca*, e, reputando-a de há muito uma artista cheia de talento, pode comparar-se em génio a Meg Lemonnier. Irene Isidro, Aurora Celeste, Humilta de Macedo e Maria Florinda não destoaram do conjunto. No elenco masculino sobressaem Abílio Alves no *Luis*, Erico Braga no *Dr. Vicente*, e Francisco Ribeiro no *Ingenheiro*. Alberto Gihira, no *Escritorista*, tem de bayer-se com o despropósito do seu papel. O professor Carlos Santos compõe com sobriedade o *Audaz*.

Todos os artistas foram galhardamente aplaudidos.

**Outono** — Peça em 3 actos, de Manuel Pragos. — O segundo espectáculo da Companhia Adelina Abranches, realizado na pretérita sexta-feira, ofereceu-nos a representação do original — *Outono* — que, diga-se de passagem, não sendo de aprofundado tema, vale tecnicamente e satisfaz pelo colorido que o A. lhe imprimiu. Literariamente não deve ser alcunhado como sofrível, pois tem diálogo leveiro e frase recortada com elegância. A parte uns pequenos «rodriguinhos», com que o público é brindado, a garra do talento patenteia-se manifestada. Sofre, porém, da pouca veracidade de algumas cenas e resente-se do exagerado realismo em que decorre a acção. E senão vejamos: a relutância de Maria Luiza em consentir que um par de namorados dê largas ao seu affecto, embora abusando de uma casa que lhe oferece franca hospitalidade,

não seria motivo mais que suficiente para pôr de sobreaviso o seu marido, *Proença*, de há muito assediado pelas intrigas de *Noronha* e envenenado pelas informações vindas do anónimo? Se a estupidéz dos homens admite o robustecimento de uma confiança nascida do sobressalto e da constante preocupação, mal irá ao sexo forte em sua soberania... — a incoscência relegá-lo-á para a mais baixa condição. Verifica-se, portanto, o despropósito dêste passo pôsto no decurso da cena, a todos os títulos impróprio.

O final do 3.º acto reputámo-lo de exagerado, ainda que admissível e tolerável pelo sentimento derramado ao fazer o elogio das mães.

A interpretação da Companhia agrada plenamente. Brunilde Judice, no papel de *Maria Luiza*, confirmou-nos em absoluto a opinião que dela vimos fazendo. Revelou-se uma protagonista à altura e conseguiu impor a sua personalidade de molde a satisfazer as criticas mais exigentes.

Irene Isidro contracenou a primor com Brunilde, no 3.º acto, e deu-nos uma *Julietta* impregnada de bons sentimentos e em belíssima virtuosidade.

Abílio Alves compôs a *Fernanda* bem interessante e curiosa. Erico Braga, depois os esforços de que viu precedido. Sabe fazer teatro a virtuosidade e a personalidade dos personagens de que se encarregou.

Alberto Gihira, no *Jardineiro*, e Ribeiro, no *Kahl*, agradaram de sobejo.

Todos os actos foram fartamente aplaudidos.

C.

## DESPORTO

Da crónica de Guimarães para o «Correio do Minho», da autoria do seu correspondente e nosso prezado colaborador, sr. J. Guiberto de Freitas (*Belgator*), transcrevemos a seguinte passagem sobre o jogador Clemente, por em absoluto concordarmos com ela.

Ei-la:

«Clemente — o esforçado Clemente — que na maioria dos casos é alvo da animosidade injusta de muitos pseudo concededores destas coisas de bola, teve uma exhibição agradável, repleta de energia e de boa-vontade, no que, aliás, foi acompanhado pelos restantes colegas de equipê. Se os aplausos e incitamentos que, por vezes, são dispensados a outros, lho fôsses também a êle, em vez de estúpidos motejos, Clemente seria ainda um bom elemento a colaborar na equipê. Assim...»

Mas capacitem-se disto os *sabedores*: Este jogador não tem substituto dentro da equipê, sendo de boa norma, por isso, ajudá-lo, que boa vontade não lhe falta. E' isto uma realidade que nós não devemos esconder, para bem do Vitória».

# da cidade

## Boletim Elegante

### Aniversários natalícios

Dr. Eduardo de Almeida — *Ante-ontem, dia 3, passou o aniversário natalício do nosso ilustre colaborador e prezadíssimo amigo, sr. dr. Eduardo de Almeida, distinto advogado desta Comarca e escritor brilhante, a quem o "Notícias de Guimarães" apresenta as suas sinceras felicitações.*

Dr. João Aires de Azevedo — *Faz anos no dia 11 o nosso estimado amigo e ilustre Conservador do Registo Predial, sr. dr. João Aires de Azevedo, a quem o "Notícias de Guimarães" apresenta os seus cumprimentos de felicitações.*

Menino Francisco José — *Completo há dias uma risonha primavera, o interessante menino Francisco José, filho do nosso querido amigo e ilustre colaborador sr. dr. Américo Durão. Muitos parabéns.*

### Partidas e chegadas

Dr. Eduardo de Almeida — *Em serviço profissional tem estado em Lisboa o nosso querido Colaborador e Amigo e Ilustre Advogado sr. dr. Eduardo de Almeida.*

Dr. José Pinto Rodrigues — *Também em serviço profissional, esteve durante alguns dias na Póvoa de Varzim o nosso prezado Amigo e Colaborador sr. Dr. José Pinto Rodrigues.*

*Esteve há dias nesta cidade o nosso prezado amigo e abastado proprietário em Fernil de Basto, sr. Manuel M. Moniz Coelho.*

*Têm estado em Lisboa os nossos prezados amigos srs. José Jacinto Júnior e Agostinho Dias de Castro.*

*Parte hoje para a mesma cidade o nosso bom amigo sr. José Faria Martins.*

*Também dali regressou, há dias, o nosso bom amigo sr. António Faria Martins.*

*Deu-nos o prazer da sua visita o nosso bom amigo sr. Francisco Costa, de Vizeira e residente em Aveiro.*

*Acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> esposa, partiu para o seu solar de Leça da Palmeira, o nosso prezadíssimo amigo sr. dr. Maximiano Pinto de Simões.*

*Vimos nesta cidade, na semana finda, o nosso prezado amigo e ilustre colaborador, sr. dr. Alfredo Fernandes, das Taipas, a quem tivemos o prazer de cumprimentar.*

### Doentes

*Regressou duma casa de saúde do Pôrto, onde esteve em tratamento, a sr.<sup>a</sup> D. Leaura Vinagreiro, esposa do nosso amigo sr. António de Barros Martins (Ferra).*

*Tem passado incomodado o nosso bom amigo sr. Avelino da Silva Guimarães.*

### Casamento

*Na igreja paroquial de S. Pedro de Polvoreira, realizou-se no último domingo o casamento do sr. Amadeu César dos Santos Pinheiro com a sr.<sup>a</sup> D. Maria Augusta Lobo Neves Pereira, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Margarida Lobo Neves Pereira e do nosso satidoso conterrâneo sr. José de Freitas Neves Pereira.*

*Parvinham por parte do noivo o sr. dr. Leopoldo Martins de Freitas e a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Jesus da Costa Sampaio e por parte do noivo seu irmão o sr. Artur César Fernandes Pinheiro e sua esposa a sr.<sup>a</sup> D. Maria Alcina Fernandes Salgado Pinheiro. Foi celebrante o rev. Luiz Gonzaga da Fonseca, digno pároco de S. Paio. Ao acto assistiram as famílias dos noivos e outras pessoas das suas relações.*

*Após o religioso acto foi servido em casa da mãe da noiva um primoroso copo d'água, durante o qual foram os nubentes muito brindados, sendo-lhes também oferecidas muitas e valiosas prendas.*

*Aos noivos desejamos as maiores felicidades.*

*Pedido de casamento*

*Pelo sr. Rodrigo Lobo Machado e para o sr. Gaspar da Silva Ribeiro Calisto, filho da sr.<sup>a</sup> D. Beatriz de Lourdes da Silva Calisto, foi pedida em casamento a sr.<sup>a</sup> D. Idalina Correia Lopes, filha do sr. António Joaquim de Meira Lopes e de sua esposa a sr.<sup>a</sup> D. Albertina Correia Lopes.*

*Aos noivos deseja-lhes desejamos muitas felicidades.*

*Nascimento*

*Teve há dias a sua "délivrance", dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Enília Soares Ribeiro, esposa do nosso prezado amigo sr. João António Ribeiro. Cumprimentos.*

### Diversas Notícias

#### A festa da Juventude Escolar Católica

Conforme estava anunciado, realizou-se na segunda-feira passada, dia 30, no Teatro Martins Sarmiento, o espectáculo propovido pela Juven-

HOJE, A'S 15 E 21 HORAS  
YVONNE PRINTEMPS  
e PIERRE FRESNAY  
EM  
**A DUQUESA E A ARTISTA**  
Bellíssima reconstituição histórica da época faustosa da corte de França. Produção extraordinária e de invulgar sumptuosidade.  
DOCUMENTARIO PORTUGUÊS — ACTUALIDADES SONORAS — DESENHOS ANIMADOS.  
Quinta-feira, 9  
Sombras da Cidade e O Lobo Solitário

## CAMPEONATO DA 2.ª DIVISÃO

Vitória, 9 Valenciano, 0

O dia de Domingo passado apresentou-se chuvoso e isso foi o bastante para que a assistência ao campo do Benlhevai fôsse diminuta. Infelizmente a direcção do Vitória, anda com a mala pata, porque o rendimento dos jogos é de tal forma insignificante, que não lhe chega para solver os seus compromissos inadiáveis. Esta modalidade da disputa do Campeonato da 2.ª Divisão, só com grupos do Minho, acarreta ao grupo vimaranense grandes despesas, sem proveito financeiro de espécie alguma. Deslocações caríssimas, e afinal para na maior parte dos jogos repetir o Campeonato Distrital. Mas manda quem pode e está tudo dito.

O Valenciano foi o adversário do Vitória a quem este facilmente infligiu uma pesada derrota, que já de antemão se contava.

Não podemos conceber que grupos mal apetrechados como o Valenciano, tivessem a veledade de concorrer a este Campeonato. Pelo que vimos no Domingo passado, pouca ideia fazem do «Foot-Ball» e estamos certos de que propriamente o grupo «RESERVAS» do Vitória, seria o suficiente para lhes ganhar sem preocupações. Se não fôra o seu guarda-rêdes, o marcador teria subido para muito mais além.

O Vitória desde o início do jogo até final, dominou incessantemente, sem que uma reacção dos Valencianos fôsse notada. Em suma jogou como quis e como lhe apeteceu.

Zeferino marcou 3 bolas, Pantaleão 2, Clemente 1, Bravo 2 e Virgílio 1. Arbitrou o Sr. José Pereira, do Pôrto, que sem qualquer dificuldade agradou.

Hoje o Vitória desloca-se a Monção, jogar com o grupo local. Vão os Vimaraneses como absolutos favoritos, no entanto é preciso não fiar... — António Neves.

5.º Jogo  
**VITÓRIA - MONÇÃO**  
Qual foi o jogador mais correcto?  
Nome .....

**BRASIL**  
Secção de Procuradoria da Casa Bancária  
**CUPERTINO DE MIRANDA & C.ª**  
SÉDE: — Rua Sá da Bandeira, 56 — PORTO

A mais perfeita organização de serviços de administração de bens em todos os Estados do Brasil. Compra e venda de prédios e papéis de crédito; cobranças de alugueis, juros e dividendos; hipotecas, inventários e liquidação de heranças.

Comissões extremamente reduzidas. — Transferências rápidas.

DELEGADOS EM: — Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Bahia, Pará, Pernambuco, etc.

tude Escolar Católica (Secção do Liceu de Martins Sarmiento) o qual teve uma assistência numerosa e selecta que enchia por completo a ampla casa de espectáculos.

O programa, interessante e variado, foi cumprido à risca, tendo sido levadas à cena a peça em 2 actos «Coração de Bronze» e a comédia infantil «A Morte do Gordo», que a assistência aplaudiu.

Terminou o espectáculo com um interessante acto de variedades.

No intervalo fez-se ouvir a Orquestra Vimaranesa.

No início do espectáculo, o digno Assistente da Juventude Escolar Católica e nosso ilustre amigo Sr. P. António Cândido Pires Quesado, proferiu um entusiástico e brilhante discurso, começando por dizer o que é a Jec, enaltecendo os seus fins cristãos e patrióticos. Agradeceu, depois, ao Sr. Bernardino Jordão todas as atenções e a coadjunção prestada para a realização daquela linda festa. Agradeceu, ainda, ao sr. João X. de Carvalho o interesse que dispensou à realização da festa, na organização do seu programa, à Assistência e à Imprensa.

Terminou, pedindo desculpa por quaisquer faltas que pudessem cometer os pequenos actores.

S. Ex.<sup>a</sup> foi muito aplaudido.

No decorrer do espectáculo alguns personagens se distinguiram, pela maneira como souberam desempe-

nhar os seus papéis. Sem desprimor para quaisquer outras, salientaremos os alunos José Ramos Camisão, o papel de Reinaldo de Nóbrega, e Mário Augusto Dias de Castro, no de Armando de Vasconcelos, na peça «Coração de Bronze».

#### D. Carlos e D. Luiz

No dia 1 do corrente e comemorando a data em que foram assassinados D. Carlos e D. Luiz Filipe, celebraram-se missas por sua alma. Na capela privativa do Palacete Margaride o Sr. Luiz Cardoso Menezes, mandou celebrar uma missa pela mesma intenção.

#### Incêndio

Na tarde de quinta-feira houve um incêndio nas cortes de gado da quinta da Veiga, próximo desta cidade, tendo ali comparecido rapidamente os B. Voluntários.

#### Calendários

Da Casa Philips e por intermédio dos seus agentes nesta cidade, os nossos amigos srs. Abreu & C.ª, recebemos um lindo calendário para este ano, o que agradecemos.

Também do nosso amigo Sr. Joaquim Larangeiro dos Reis proprietário da Sapataria Luso e agente em Guimarães da importante Fábrica de Calçado Luso, recebemos um vistoso calendário para o ano corrente. — Também recebemos de A Pro-

## DEFENDA-SE DO FRIO!...

Onde êle ataca mais e se torna mais desagradável é na cama...  
Combatê-lo antes de êle fazer das suas é o que se impõe sem delongas...  
Combata-o usando um luxuoso e confortável **Edredon** da acreditada marca

# "Kapell"

Um **Edredon** substitue com vantagem 2 ou 3 cobertores.  
EM STOCK MAIS DE 200 EDREDONS.

---

## ARMAZÊNS DA CAPELA

SUCURSAL D'A POMPADOUR  
70, R. das Carmelitas, 76 - PORTO - Telefone n.º 1885

## VENDAS A PRESTAÇÕES SEMANAIS com bônus.

FAZENDAS DE GRAÇA todas as semanas no valor de 25\$00, 60\$00 e 125\$00.

### FAZENDAS, MALHAS, MODAS, MEIAS e MIUDEZAS.

# BENJAMIM DE MATOS & C.ª, L.ª

TOURAL, 105 — TELEFONE, 64

*Por motivos de balanço, grandes baixas de preços em todos os artigos.*

## É A CASA QUE MAIS BARATO VENDE E QUE MELHOR SORTIDO TEM

gresso L.t.d., de Lisboa, Oficina de Soldadura Eléctrica, Serralharia Mecânica e Tornos, com Filiais no Pôrto e em Vila Franca de Xira, um vistoso calendário para este ano. Os nossos agradecimentos.

#### Uma cena de facadas

No Largo Prior do Crato, Francisco da Costa Braga, casado, lavrador, residente na Rua Trindade Coelho, agrediu à facada um seu companheiro, de nome Jerónimo Macêdo, morador no Largo do Castanheiro, o qual, depois de receber curativo no Hospital, recolheu à sua casa.

#### Pedinte ou ladrão

Quando andava a pedir esmola e por ter entrado na Esquadra Policial, foi capturado, verificando logo tratar-se de larápio, José Lino Adriano Neto, de 33 anos, pedreiro, casado, natural de Lustosa, Louzã e residente em S. Martinho de Campo, concelho de Santo Tirso.

A Polícia apreendeu-lhe um chapéu, cigarros etc. que se verificou terem sido roubados.

#### Um prezunto que foi achado

O nosso prezado amigo sr. Albano Teixeira Bastos, digno Regedor da freguesia de Fermentões, pede-nos, tornemos público, ter sido comunicado aquela Regedoria, que foi encontrado na área da mesma freguesia, um prezunto que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

#### Menor atropelado

No lugar de Surrego, freguesia de S. Martinho do Conde, deste concelho, ao fim da tarde de domingo, o automóvel H-E — 10-24-S Ford, do Pôrto, guiado pelo motorista Orberito Afonso dos Santos, colheu com o guarda-lamas o menor António Gonçalves, de 7 anos, filho de Manuel Gonçalves e de Maria de Abreu, da mesma freguesia, causando-lhe morte instantânea.

A G. N. R. tomou conta da ocorrência.

#### Congregação de Maria Imaculada

Realiza-se hoje, na Basílica de S. Pedro, a festa anual dos congregados de Maria Imaculada, com Missa cantada a vozes e órgão, pelas 8 horas, havendo de tarde a cerimónia da admissão de cerca de 40 novos congregados e a posse da Mesa, que é composta pelos seguintes srs.:

Presidente, José da Costa Santos Vaz Vieira; 1.º Assistente, Manuel de Freitas Guimarães; 2.º dito, Domingos Mendes Fernandes; 1.º Secretário, António Luiz da Silva Dantas; 2.º dito, Bernardino Mendes de

#### Ainda o aniversário do nosso jornal

O nosso querido Amigo e Ilustre Colaborador Sr. Dr. Américo Durão, dignou-nos dar-nos a honra dos seus cumprimentos, ainda a propósito da recente passagem do aniversário do «Notícias de Guimarães» e alguns colegas nossos continuaram a referir-se ao facto com palavras amáveis. A todos aqui deixamos o nosso sincero agradecimento.

#### Falecimento

Finou-se com 58 anos de idade o sr. Sebastião Fernandes, que foi 1.º cornetini da banda dos Bombeiros Voluntários.

#### Cemitério Municipal

O movimento de enterramentos neste Cemitério, no mês de Janeiro, foi o seguinte:

Adultos, sexo masculino, 11; idem, sexo feminino, 5; Adolescentes, sexo masculino, 14; idem, sexo feminino, 9. Total, 39

#### Registo Civil

O movimento nesta Repartição no mês de Janeiro, foi o seguinte:

Registo de nascimentos, 280; idem de casamentos, 30; idem de óbitos, 130.

#### FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

##### Tenente Carlos Augusto Pereira de Castro

Contando 71 anos de idade finou-se há dias na sua Casa de Sairrão, Paçõ Vieira, o sr. Tenente Carlos Augusto Pereira de Castro, pai dos nossos amigos srs. Gabriel e Benjamim Pereira dos Santos, irmão da sr.<sup>a</sup> D. Laura Costa, cunhado do nosso prezado amigo sr. Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira e tio do também nosso bom amigo sr. D. José Maria de Castro Ferrel.

O extinto viveu nesta cidade durante muitos anos, tendo conquistado muitas amizades, motivo porque a sua morte foi muito sentida. O seu funeral efectuou-se na quinta-feira, às 9 horas, na igreja paroquial de S. Romão de Mesão-Frio e com a assistência de muitas pessoas não só daquela freguesia e limítrofes, como de outras localidades, ficando o cadáver sepultado no cemitério paroquial. A toda a família enlutada apresentamos sentidas condolências.

Contando 23 anos e vítima da trível tuberculose faleceu o sr. Alberto Castro Martins, filho do sr. António de Castro Martins, antigo e hábil impressor da Tipografia Minerva Vimaranesa, e sobrinho do sr. Alberto Macedo, aos quais, bem como à restante família dorida, apresentamos condolências.

O seu funeral efectuou-se ontem à tarde para o Cemitério da Atouguia, com o acompanhamento de diversas pessoas.

No Pevidém finou-se o sr. Alvaro da Costa Vaz Vieira, irmão do nosso prezado amigo sr. José da Costa Santos Vaz Vieira e dos srs. Eugénio e Artur da Costa Santos Vaz Vieira e tio dos srs. Alfredo, Gaspar e Delfim da Costa Vaz Vieira, realizando-se hoje, domingo, naquela povoação, o seu funeral.

A família enlutada apresentamos as nossas condolências.

#### Sufragando

Comemorando o 8.º aniversário do falecimento da saudosa senhora D. Maria Adelaide Pinto Dias de Castro Fernandes, foi celebrada uma missa, no passado dia 2, na igreja de N. S. da Oliveira.

No mesmo templo celebrou-se ontem uma missa por alma da sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Pinto Dias de Castro.

#### De luto

Pelo falecimento de seu sogro ocorrido no Pôrto, encontra-se de luto o nosso bom amigo e antigo agente do Banco de Portugal, nesta cidade, sr. Heitor Campos, actualmente residente em Braga, a quem apresentamos as nossas condolências.

#### QUINTA

VENDE-SE a de Lobeira de Cima, na Freguesia de S. Cosme de Lobeira. Recebe propostas, a sua proprietária Maria Gonçalves da Cruz, Lugar do Pombal — S. Torcato. (29)

#### Anunciai no

«Notícias de Guimarães» e fareis uma boa propaganda.

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

